
TABU SOCIAL E LITERÁRIO: O ROMANCE DA RUA DAS FLORES (EÇA DE QUEIROZ)¹

Denise Rocha (UNESP)²

RESUMO

Senhora *cocotte* e rapaz carente e manipulável têm planos de matrimônio, mas a descoberta de uma verdade cruel os desune para sempre, pois ela tira a própria vida. O jovem jamais vai saber que a bela noiva era sua mãe biológica que o abandonara no berço. O tema do incesto abordado no romance *A tragédia da Rua das Flores*, de Eça de Queiroz, levou o escritor a não publicá-lo em vida, fato ocorrido somente em 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa; Eça de Queiroz; *A tragédia da Rua das Flores* incesto; censura.

ABSTRACT

A *cocotte* lady and a destitute young man liable to manipulation have plans to get married, but the discovery of a cruel truth separates them forever, since she kills herself. The young man will never find out that the beautiful fiancée was his own biological mother who had abandoned him at birth. The issue of incest broached in the novel *A tragédia da Rua das Flores*, by Eça de Queiroz, led the author to decide not to publish it while he was still alive, what happened only in 1980.

KEYWORDS: Portuguese Literature; Eça de Queiroz; *A tragédia da Rua das Flores*; incest; censorship.

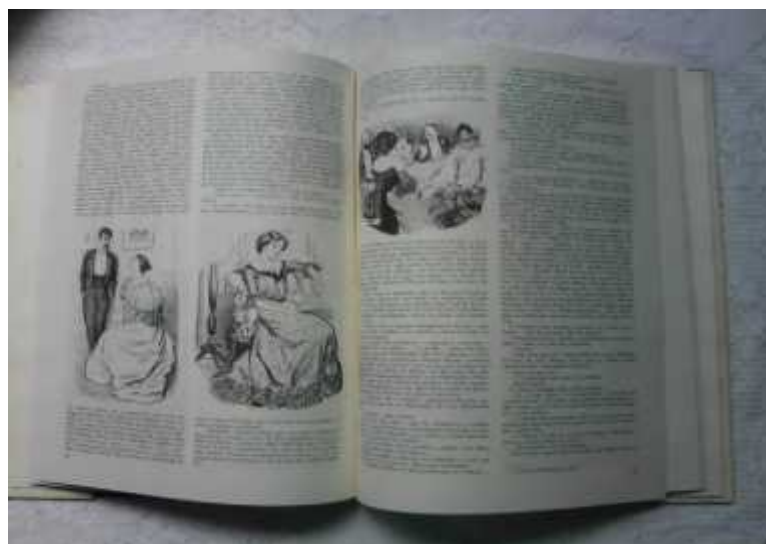


Figura 1: GENOVEVA E VITOR. Edição do Circulo do Livro (1981).

¹ Uma versão desse trabalho está publicada no Anais do IV Senalic 2012.

² Bacharelado em História na Ruprecht-Karls Universität Heidelberg, Alemanha; e licenciatura em Letras e Doutorado em Literatura e vida social na UNESP, *campus* de Assis.

INTRODUÇÃO

A família do escritor e cônsul José Maria Eça de Queiroz (1845-1900) autorizou, no ano de 1924, a Livraria-editora Lello & Irmão da cidade do Porto a organizar a publicação de alguns inéditos ecianos: *O Conde de Abranhos, Alves & Cia, Correspondência, Páginas esquecidas, Notas de Viagem, A Capital e A Tragédia da Rua das Flores*. Esse último romance mencionado, que seria publicado no mês de junho ou julho de 1925, apresenta um relacionamento proibido com desfecho fatal segundo constava na sinopse editorial:

Trabalho de largo fôlego, de observação penetrante, de psicologia aguda, todo de acção e de força, nele seguimos, ofegantes de emoção, o desenvolvimento fatídico duma paixão indigna e trágica, acompanhando os personagens centrais, dia a dia, passo a passo, surpreendendo-lhes as intenções, os instintos, as emoções, os mais leves sobressaltos das almas inquietas ou perversas. [...] *A Tragédia da Rua das Flores* não é, pois como *Os Maias*, a apreciação crítica duma Sociedade, mas, pelo contrário, o estudo psicológico duma paixão mórbida, das suas causas remotas e das suas consequências trágicas. (MEDINA, 1980, p. 35 e 36).

Apesar da propaganda da livraria, o clã eciano recuou devido à resistência de Emília Pamplona, viúva de Eça de Queiroz, que considerava tabu a essência da narrativa: o ardente relacionamento entre uma prostituta madura, Genoveva, e um jovem rapaz, Vítor, que desconheciam ser mãe e filho. Anteriormente, nos anos 1877 e 1878, conforme teor de cartas trocadas entre o escritor e seu amigo, Ramalho Ortigão, e seu editor, o francês Chardron, evidencia-se a preocupação de todos em publicar a obra de tema interdito na esfera religiosa e social. Portanto, a censura moral em duas épocas distintas vetou o lançamento da narrativa, que somente em 1980 chegou às livrarias, revelando uma Lisboa imersa em espetáculos teatrais, operísticos e circenses: Teatros da Trindade, das Variedades, São Carlos, D. Maria II e Circo Price, animados pelo som efervescente e satírico das operetas burlescas de Offenbach.

CENSURA NA LITERATURA



A situação da proibição familiar do planejado e anunciado lançamento do romance *A Tragédia da Rua das Flores* (1925), um dos sete manuscritos do espólio inédito de Eça de Queiroz, segue uma tradição de censura de textos de diferentes períodos - os de autoria de Plutarco, Jonathan Swift, Benjamim Franklin, Pierre-Thomas-Nicholas Hurtaut, passando pelos de Arthur Schopenhauer, Carlos Drummond de Andrade aos de Jorge Amado-, que foram esquecidos ou renegados pelos autores ou familiares.

Em relação às obras “escondidas” dos escritores consagrados anteriormente citados, Luiz Costa Pereira Júnior, no artigo *Do fundo da gaveta: Escritos marginais de grandes escritores formam um subgênero próprio da sátira literária* (2012), comenta:

Revirar as gavetas dos autores consagrados sempre atija os ânimos das editoras, mas ganha sabor especial para os leitores, qualquer que seja a época do lançamento das obras, quando permitem pitorescas, quando não deliciosas descobertas. Principalmente quando os livros foram produzidos para criticar costumes e personalidades de uma época, para afrontar um ideia corrente ou por mero capricho e diversão, quando não simplesmente a esmo, escritos contundentes foram mantidos à margem das bibliografias oficiais, mesmo quando brotam de escritores, historiadores, cientistas e filósofos consagrados. Alguns desses textos, nascidos apócrifos, marcaram época e ainda ecoam em nossos dias. (PEREIRA JR., 2012, p. 43).

No caso do romance *A tragédia da Rua das Flores*, o primeiro capítulo, que começa com a apresentação do segundo ato de uma das mais conhecidas operetas de Offenbach, em um esplendoroso espaço lisboeta, não evidencia o início de uma narrativa de tema maldito que seria interdita por mais de 100 anos:

Era no Teatro da Trindade, representava-se o Barba Azul. Tinha começado o segundo acto e o coro dos Cortesões saía, recuando em semicírculo, com os espinhaços vergados – quando, num camarote, sobre o balcão, à esquerda, o ranger ferrugento duma fechadura perra, uma cadeira arrastada, fizeram erguer, aqui, e além, alguns olhares distraídos. Uma senhora alta, de pé, desapertava devagar os fechos de prata duma longa capa de seda negra, forrada de peles escuras [...]. Fez-se logo sensação, no público amodorrado. “Binocularam-na à carga cerrada”, como disse o poeta Roma. [...] Murmurou-se logo no balcão que a estrangeira devia ser a princesa Breppo [...]. (QUEIROZ, 1980, p. 43 e 44)

A protagonista dessa entrada teatral triunfal em um dos requintados camarotes da paisagem cênica lisboeta era Madame Genoveva de Molineux, nascida Joaquina da Guarda, que conheceria durante o espetáculo operístico o seu futuro noivo, o advogado Vitor, seu filho biológico. A revelação de tal monstruosa verdade se dá somente nas páginas finais do romance de mais de 400 páginas na edição de Moraes, de Lisboa (1980), ou seja, o leitor e a leitora sequer têm muito tempo para se chocarem, pois segundos depois da nefasta revelação, Genoveva se atira janela abaixo do apartamento da rua das Flores.

Na correspondência trocada entre Eça de Queiroz, seu editor Chardron e Ramalho Ortigão, o escritor menciona que está comprometido com a escrita de um tema delicado. No dia 5 de outubro de 1877, Eça informa ao editor que tem como objetivo, a longo prazo, a elaboração de uma coleção de pequenos romances, a qual poderia ser chamada de *Cenas da vida real*:

Eu já tenho o assunto de três, e uma quase completa: numa pinta-se o jogo e os jogadores; noutra a prostituição; e outra é um drama de incesto doméstico. [...] Em todo o caso uma das novelas está quase pronta - é só copiá-la: chama-se *O desastre da Travessa das Caldas*; ou talvez, não sei ainda: *O caso atroz de Genoveva*. Trata-se dum incesto. Dará, creio, 200 páginas, ou mais.

Alguns amigos a quem comuniquei a ideia dela, e parte da execução, ficaram impressionados, ainda que um pouco escandalizados. Não quero dizer que seja imoral ou indecente. É cruel. Que lhe parece deste livrinho – como livro *d’etrennes* para o 1. de janeiro? (QUEIROZ, 2000, p. 824-825).

Nessa época, Eça relata sobre a reação perplexa de seus amigos ao serem informados sobre o incendiário conteúdo do romance inédito, bem como escreve que ainda não havia escolhido o título do mesmo: *O desastre da Travessa das Caldas* ou *O caso atroz de Genoveva*.

A Chardron, em carta de 3 de novembro de 1877, Eça de Queiroz comunica sobre o “negócio das *Crônicas*”, as quais propõe um título provisório -*As crônicas da vida sentimental*-; esclarece que elas seriam uma espécie de *Galeria de Portugal no século 19*”; e acrescenta que algumas dessas “pintarão costumes gerais da nossa sociedade”, e outras, serão:

[...] o estudo especial de alguma paixão ou drama excepcional: assim a *Genoveva* é o incesto; e a *Soror Margarida* a monomania religiosa, etc. [...] O primeiro volume está muito adiantado. Não tenho título definitivo; hesito: talvez o *Desastre da Rua das Flores*; talvez os *Amores dum lindo moço*. Em todo o caso é o incesto. Julgo-o infinitamente superior (sem comparação possível) ao *Primo Basílio*. E confesso que estou ansioso por o ver publicado. *O Primo Basílio* é mais para o público literário, mas esta é uma verdadeira bomba literária e moral. Dá 250 páginas, seria possível caber nas 200. (QUEIROZ, 2000, p. 826-827).

Em correspondência com data de 3 de novembro de 1877, Eça esclarece a Ramalho Ortigão sobre seu estado de espírito, em Newcastle, após a finalização da escrita do romance sobre um homem sedutor e inconsequente: [...] “Eu aqui – não fazendo, não pensando, não vivendo senão Arte. Acabei o *Primo Basílio* – uma obra falsa, ridícula, afetada, disforme, piegas e *papouloza*.” Crítico severo de si próprio, ele considera um fracasso literário a narrativa sobre os amores adúlteros de Luisa com Basílio, e por isso, revela que estava a concluir uma revanche pessoal: a publicação de um novo romance (*Genoveva*?) que considerava mais satisfatório em comparação ao anterior:

Seria longo explicar - como eu – que sou tudo menos insípido – pude fazer uma obra insípida: - mas essa explicação era ela mesma outro romance, *et bien autrement poignant et singulier. Mais Dieu, je crois que dans ce moment-ci je prends une petite revanche passablement étincelante*. É o novo livro que estou a fazer – isto é a concluir quase. Desse há - de Você gostar, e não há-de dormir. Ah não, dormir é que Você não há-de: insultar-me, desesperar-se, revoltar-se, arrepelar-se, chamar-me *crapule*, isso sim. Mas dormir! Estou-lhe a preparar uma! Esfrego daqui as mãos, com um jubilozinho perverso. Espero que será publicado logo depois do *Primo Basílio* [...]. (QUEIROZ, 2000, p. 116-117).

Em missiva de 21 de novembro de 1878, Eça escreve a Ramalho Ortigão mais detalhes a respeito do romance sobre o incesto: “O primeiro n. está quase concluído: é creio, o romance melhor e mais interessante que tenho escrito até hoje”. Sete dias mais tarde, ele informa:

Eu tenho justamente um romance que estava à espera de vez; escrevi-o para ser a primeira parte das *Cenas*, mas além de ser mais volumoso do que o plano das *Cenas* comporta (atinge quase a obesidade do *Primo Basílio*)

não me servia artisticamente como introdução às cenas. Foi por isso que o substituí pela *Capital*, que é mais um trabalho de generalidade. O assunto é grave – incesto, mas tratado com tanta reserva, que não choca. *Os Amores de Um Lindo Moço*, título pretensiosamente medíocre. Poderei *pour la circonstance*, chamar-lhe: *O Brasileiro*; o herói é-o. Como arte tem tipos de que gosto – tratados numa nova maneira, a contornos grossos, de forte destaque; incidentes curtos, muito adaptáveis ao folhetim – enfim, o que justamente convém. (QUEIRÓS, 1983, p. 174).

Concluído em 1878, mas não revisto, embora o autor fizesse sempre uma meticolosa revisão de seus textos, o texto sobre o fatídico enlace entre Genoveva e Vitor não tinha nome definido: Eça referia-se a ele como **O Desastre da Travessa das Caldas, Desastre da Rua das Flores, O Caso Atroz de Genoveva, Os Amores de um Lindo Moço e O Brasileiro**. Apesar disso, no ano de 1925, a Livraria-editora Lello & Irmão anunciou a publicação de uma obra denominada de *A tragédia da Rua das Flores*, título mantido até a publicação em 1980.

UMA COCOTTE ITINERANTE NA CORTE DE LISBOA

Na obra **Eça de Queirós e o seu Tempo**, João Medina considera 1878, período no qual o cônsul e escritor foi transferido de Newcastle a Bristol, como o “ano magno” de Eça, pois ele, de forma apaixonada e febril, finalizou vários projetos: a publicação de **O Primo Basílio**; a revisão de **O Crime do Padre Amaro**; e a redação de **A Capital**, de **A Batalha do Caia** e do romance que seria denominado postumamente de **A Tragédia da Rua das Flores**: uma paixão proibida, envolta em laços consangüíneos, e manipulada por Genoveva, a antiga Joaquina, conhecida como a menina dos melros .

Bela e sedutora aos catorze anos, Joaquina, filha de Maria Silvéria, tem grandes planos para sua existência provinciana na região da Guarda, e flerta com vários rapazes inclusive com dois irmãos, Timóteo e Pedro da Ega. Disposta a viver em Lisboa, casa-se com o ingênuo Pedro, mas o abandona e ao filhinho para correr atrás do sonho do amor com um espanhol, na terra natal dele. O desolado marido deixa o nenê aos cuidados de parentes, vai ao encontro do irmão Timóteo, que atuava como juiz em Luanda, e morre vítima de desilusão e de alcoolismo. O sedutor deixa Joaquina, sem recursos e enferma, em uma

remota aldeia na Espanha, e ela inicia uma carreira de *cocotte* com ascensão esplêndida em Londres, onde se torna refinada, elegante, aprende a cavalgar de forma sensual, a tocar piano e a cantar em serões domésticos diante de aristocrática plateia. Enfastiada com a vida luxuosa na cinzenta capital, ela viaja a Paris com outro sedutor que também a abandona sem bens materiais. Com promessas à Nossa Senhora da Alegria, ela consegue se tornar a amante de Mr. de Molineux, um antigo senador da república francesa, que a mantinha nababescamente e tolerava seu desfrute com jovens amantes. Joaquina, que afirmava ser oriunda da ilha da Madeira, forja uma nova identidade na França: a de Madame Genoveva de Molineux, súdita fiel do Imperador Napoleão III, que portava um delicado ramallete de violetas napoleônicas nas roupas como emblema de eterna monarquista. Altiva e rica, ela vê seu mundo ruir com a eclosão da Guerra Franco-Prussiana, e novamente sem meios de subsistência retorna a Lisboa, depois de mais de duas décadas de ausência voluntária. De forma fatídica, ela se envolve com Vitor, o inexpressivo poeta republicano.

Com postura erótica de *cocotte* experiente, Genoveva, que era sustentada pelo gorducho Damaso, tenta febrilmente seduzir Vitor que a tinha confrontado diante de um fato que o alvoroçara visceralmente: Em sua atividade de espião apaixonado, que circulava ininterruptamente diante do prédio da residência da amada, o rapaz tinha visto um desconhecido em seus aposentos. Desesperado, ele confessa que planejava se mudar para a França, e a afoita predadora, incapaz de deixar sua insegura presa partir, a envolve com teias mais dissimuladas, põe a mão no seu ombro e murmura com um sorrisinho maroto:

-Tu [...]. - Ir para Paris, deixar-me. Ná, ná! – E chegando o rosto ao pé dele: - Matava-te! - Apertou-o contra o seio, beijava-lhe os olhos, os lábios, a testa, - as suas mãos errantes como que tomavam posse dele. – Meu adorado Vitor, meu amor! Dize que és meu, só meu, o meu escravo, a minha vida, o meu amante, o meu homem! Oh, querido! (QUEIROZ, 1980, p. 326).

Mantido no ócio pelo tio Timóteo, Vitor não comunica a ele sobre seus ousados planos de casamento com uma experiente meretriz. Informado por amigos preocupados com o início da derrocada moral do rapaz, o parente vai falar com a dama, a reconhece e

revela sua verdadeira identidade, e com isso a atira, involuntariamente, em um abismo subjetivo e físico:

- Oh, maldita! Maldita! Bradou Timóteo. E os seus braços erguidos tinham um tremor, olhar alucinado, e com uma voz estrangulada, medonha:
- Mas esse homem é Vitor da Ega! É seu filho! Eu sou Timóteo da Ega. Ela levou as mãos à cabeça, com um gesto medonho: os olhos saíram-lhe das órbitas, a boca aberta queria gritar [...]. (QUEIROZ, 1980, p. 454).

CONCLUSÃO

O romance *A tragédia da Rua das Flores*, de Eça de Queiroz, apresenta a tumultuada trajetória de uma mãe portuguesa que abandona o filhinho no berço, e sem o saber o encontra em Lisboa já adulto, mantém um relacionamento picante com ele e se pune ao descobrir a verdade.

Em relação à narrativa sobre o incesto entre entes tão próximos, escrita nos anos 1877 e 1878, constata-se que depois dessa data Eça de Queiroz se calou, não concluiu a meticulosa revisão, que incansavelmente fazia em seus escritos, e a guardou. O volumoso manuscrito e outros textos ficcionais e jornalísticos acabaram esquecidos no famoso baú de metal de seus inéditos. Depois do falecimento de Eça no ano de 1900 na cidade de Paris, seu corpo foi trasladado a Lisboa, juntamente com sua imensa produção literária e sua biblioteca as quais seguiram para a residência na Granja. Somente em 1924, a sua família permitiu a divulgação editorial dos inéditos. Renegado, o maldito romance de Vitor e de Genoveva ficou ainda 56 anos escondido do fiel e sempre crescente grupo de leitores e leitoras da magnífica obra de José Maria Eça de Queiroz. Os seus manuscritos tornaram-se propriedade do estado em 1978 e foram depositados no Arquivo Nacional de Lisboa. Em posse de renomados estudiosos da extensa produção literária eciana, o romance denominado em 1924 de **A Tragédia da Rua das Flores**, apesar de focar um tema tabu, foi publicado no ano de 1980.

No artigo **Duas notas sobre A Tragédia da Rua das Flores**, dividido em duas partes, Ivo Castro menciona nove versões do manuscrito eciano: a do autógrafo; a de José

Maria, filho do escritor; a edição Livros do Brasil (1980); a edição Moraes (1980); a edição Branco e Negro; a edição Fernando Pereira; a edição em folhetim do jornal **A Capital**, de Lisboa, baseada no texto de Moraes; e a segunda edição de Livros do Brasil (1981), conhecida como a edição “ diplomática” de Borges Nunes. (CASTRO; DUARTE, 1981, p. 430 e 431).

REFERÊNCIAS

CASTRO, Ivo; DUARTE, Luiz Fagundes. **Dois notas sobre A Tragédia da Rua das Flores**. Disponível em: www.cvc.instituto.camoes.pt/bdc/lologia/27/boletim27-pag.427-438.pdf. Acesso em: 2 abr. 2012.

MEDINA, João. **Eça de Queiroz e o seu tempo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1972. (Colecção Horizonte; 17).

_____. Prefácio. Apêndice I- Sinopse da Livraria Chardron (ou Lello & Irmão) sobre a publicação de inéditos de Eça (1925);e II- Carta de José Maria (filho de Eça de Queiroz aos editores (16-3-1924)). In: QUEIROZ, Eça de. **A Tragédia da Rua das Flores**. Fixação do texto e notas de João Medina e A. Campos Matos. Prefácio de João Medina. Lisboa: Moraes Editores, 1980. p. 9-38.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. Do fundo da gaveta: Escritos marginais de grandes escritores formam um subgênero próprio da sátira literária. **Metáfora: Literatura e Cultura**. São Paulo, ano I, n. 5, p. 42-48, 2012.

QUEIRÓS, Eça de. **Correspondência**. Leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme Castilho. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. 2 v.

QUEIROZ, Eça de. **A Tragédia da Rua das Flores**. Fixação do texto e notas de João Medina e A. Campos Matos. Prefácio de João Medina. Lisboa: Moraes Editores, 1980. Inclui: Carta de José Maria Eça de Queiroz [Filho] aos editores José e António Lello (1924); Propaganda de lançamento do romance pela Editora Lello & Irmão (1925); e Notas ao texto.

ROCHA, Denise. **Gênese, censura e publicação póstuma: A tragédia da Rua das Flores**, de Eça de Queirós. Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional de Literatura e Cultura. São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, v. 4, 3 e 4 de maio de 2012. ISSN: 2175-4128

IMAGEM DA EDIÇÃO DO CÍRCULO DO LIVRO (1981)



Figura 1- GENOVEVA E VITOR 1: Disponível em: <http://bimg2.mlstatic.com/a-tragedia-da-rua-das-flores-eca-queiroz-heravirtual_MLB-F-227182882_9684.jpg>. Acesso em: 12 dez. 2012.

Recebido: 14/05/2012

Aprovado: 23/06/2012